

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## QUANDO O IRREAL É MAIS VERDADEIRO QUE OS FATOS

Rafael Mello Barbosa<sup>1</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

---

**RESUMO:** O artigo discute a relação entre história e poesia apresentada no capítulo 9 da Poética de Aristóteles e procura compreender como a poesia pode ser mais filosófica e mais universal tratando de objetos sabidamente não reais. Defende-se a hipótese que a narrativa poética se sustenta, em última instância, sobre a estrutura do ente natural que, sendo tomado como paradigma para a constituição da narrativa, possibilita a beleza da obra e a sua maior universalidade frente à história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aristóteles, Poética, Física, história, poesia, narrativa.

**ABSTRACT:** L'article discute la relation entre l'histoire et la poésie présentée dans le chapitre 9 de la Poétique d'Aristote et cherche à comprendre comment la poésie peut être plus philosophique et universelle même si elle parle d'objets qui ne sont pas réels. Il soutient l'hypothèse selon laquelle la narration poétique est structurée sur la façon d'être de l'étant naturel qui, considéré comme paradigme pour la création du récit, rend possible la beauté de l'œuvre et sa plus grande universalité face à l'histoire.

**KEYWORDS:** Aristote, Poétique, Physique, histoire, poésie, récit.

---

No capítulo 9 da Poética, Aristóteles estabelece uma distinção que aos nossos olhos parece completamente descabida. Ele afirma que a Poesia é mais séria e filosófica que a História; isto depois de afirmar que “a obra do poeta não é narrar o que aconteceu” e sim a do historiador. Enquanto o historiador aborda fatos reais, o poeta lida com o que não aconteceu, com o irreal; o poeta ao criar suas narrativas se afasta das coisas que já aconteceram, lida e cria algo irreal, não obstante, a poesia é dita mais filosófica e séria. Isso tudo não seria completamente descabido? Afirmer o irreal como mais filosófico e, portanto, mais real não é uma contradição? A compreensão aristotélica de Filosofia e, particularmente, a de Filosofia Primeira, aponta para a assunção daquilo que é mais geral e, sobretudo, do ente enquanto ente como objetos principais. A Filosofia, em sua pretensão máxima de universalidade (a distinção

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

entre Ciências Teóricas, Práticas e Poéticas assume como um dos seus principais crivos a possibilidade ou não de alcançar princípios ou estruturas universais, mas todas elas compartilham uma certa pretensão à universalidade), busca não apenas o que aconteceu, mas o que ainda é e será, – o real – e não meras narrativas acerca de acontecimentos irrealis. Como afirmar a poesia como mais filosófica que a História (entendendo ‘filosófico’ como um adjetivo derivado da ciência cujo objeto por excelência é o real) se a poesia não diz coisas reais? Sendo assim, ferir o princípio de não-contradição não seria uma consequência clara de afirmar o irreal mais filosófico que o real? Ou poderíamos dizer que Filosofia trata das coisas irrealis mais que as reais? Neste artigo, procuraremos esclarecer como tal distinção entre Poesia e História não gera um absurdo, nem entra em conflito com a metafísica aristotélica.

Falar da Poética aristotélica é voltar a um lugar comum. Bibliotecas inteiras já foram dedicadas à dissecação de suas linhas e entrelinhas. Mas, depois de tanto, voltamos a ela. Voltamos a ela, não só por ser, para nós, o primeiro tratado dedicado a análise dos gêneros poéticos e, por isso, inauguradora de uma direção teórica que ainda hoje influencia o modo como compreendemos e fazemos as obras poéticas. Ainda que à primeira vista a Poética aristotélica não ofereça ao leitor, como a poesia mesma, um deleite estético, uma cadência métrica ou fábulas arrebatadoras, nós sempre retornamos a ela porque ela é inspiradora e favorece tanto a criação teórica quanto a prática poética.

A abordagem da história e da poesia, realizada no nono capítulo, é surpreendente, em primeiro lugar, porque a distinção realizada entre Poesia e História é inesperada, em segundo lugar, na medida em que compreendendo a diferença, passamos a perceber a estrutura fundamental da poesia.

Passemos às palavras de Aristóteles:

É evidente desde o que dissemos que a obra do poeta não é narrar as coisas que aconteceram, mas aquelas que poderiam ter acontecido e são possíveis segundo verossimilhança e necessidade. Com efeito, o historiador e o poeta não diferem por falar com ou sem metro (caso as obras de Heródoto fossem colocadas em metros, não deixariam de ser história), mas diferem porque um narra o que aconteceu e o outro narra o que poderia ter acontecido.

Quando Aristóteles afirma que a poesia trata de coisas que poderiam ter acontecido, mas que de fato não aconteceram, ele não está falando de um horizonte muito diverso do nosso. Quando lemos as obras de Homero, as tragédias gregas, ou qualquer outra obra de “literatura” nós não esperamos que elas retratem fatos que aconteceram, e sim acontecimentos

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

criados por seus autores. Ninguém crê que Riobaldo e Diadorim tenham realmente existido. As situações, as personagens, o cenário, quase tudo é uma criação do autor. São obras ficcionais, histórias inventadas que falam de coisas irreais, assim sendo, podemos pensar que são obras que descuidam do real.

No outro caminho encontramos a História. Ela é o relato daquilo que aconteceu, sua preocupação é com o fato, não o que poderia ser criado pela imaginação, mas aquele relato que aponta para feitos que se deram efetivamente. A história procurando relatar o que aconteceu preocupa-se com a realidade.

De fato, nada aqui é inesperado, até agora. Mas vejam a conclusão que se segue:

“Por isso é mais filosófica e mais diligente a poesia do que a história, a primeira trata das coisas universais a segunda das particulares”.

Esta conclusão é realmente perturbadora. Como a poesia, que se dedica a narrar coisas que de fato não aconteceram, coisas sabidamente irreais, pode ser mais filosófica e diligente que a história que se preocupa com os fatos que ocorreram efetivamente?

Seria um erro de todos os manuscritos? Será que efetivamente Aristóteles está afirmando coisas descabidas? A filosofia, nós sabermos, é uma ciência teórica que se preocupa com as “causas e princípio das coisas que são”, com os entes naturais, por exemplo. Então, quando ele afirma que é mais filosófica a obra que não trata de fatos reais não estaria se contradizendo? Seria este um erro teórico gritante de Aristóteles ou, uma falta nossa, dos investigadores da questão que olham de longe o problema?

Aproximemo-nos da questão. Será que história e poesia são tomadas por Aristóteles da mesma maneira que nós compreendemos estes termos atualmente?

*Grosso modo*, poesia inicialmente para os gregos possui a conotação de uma narrativa que os poetas pronunciavam possuídos por forças divinas, as musas, por exemplo, filhas de Zeus e Mnemosyne. Inspirados pelas musas os poetas poderiam narrar a verdade do passado, do presente e do futuro. E assim, os gregos ouviram as revelações cosmogônicas de Hesíodo que expõem como o *kosmos* foi formado, e a relação entre os deuses e como cada um deles recebeu a parte que lhe cabe. De Homero, os gregos ouviram os sucessos transcorridos durante a guerra de Tróia e sobre as peripécias que enfrentara Odisseu para voltar à Ítaca, finda a guerra de Tróia. Para Aristóteles, *mýthos* já não tem mais a dimensão de palavra revelada, da palavra divina, para confirmar isso basta analisar as recorrências dessa palavra na própria Poética. A nossa visão mesma de Poética é em certa medida fundamentada por

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

Aristóteles, por isso não há uma diferença acentuada da nossa compreensão do termo e da aristotélica.

Entretanto no que tange a história há uma diferença profunda, e esta diferença esclarece em parte aquela conclusão surpreendente. A palavra *historía*, em grego, não diz a mesma coisa que ouvimos na palavra história. *Historía* é a informação, o relato, não uma ciência que tem como objeto o homem e a ação humana ao longo do tempo e suas consequências. *Historía* não é um conjunto de informações e relatos ligados exclusivamente aos homens. Consta no corpus aristotélico a obra intitulada *História dos Animais*, que é reconhecida como o primeiro impulso da zoologia. De fato, esta obra, não antropomorfiza os animais e suas ações como em *A Revolução dos Bichos* de George Orwell. Aqui o filósofo faz uma apresentação taxionômica dos animais a partir das partes deles.

Para esclarecer o sentido de *historía*, ouçamos como Heródoto, exemplo de historiador, inicia sua célebre coleção sobre as Guerras Persas afirmando ser a finalidade da sua obra “*prestar aos extraordinários e gloriosos feitos de gregos e bárbaros louvor suficiente para assegura-lhes evocação pela posteridade, fazendo assim, sua glória brilhar através de séculos*”<sup>2</sup>.

Esse empreendimento é muito diferente da investigação histórica atual. Se, diferentemente da *História dos Animais*, já versa sobre os homens, não procura vínculos de verossimilhança e necessidade nas ações humanas para poder desvendar-lhe as consequências. *Historía* é uma coleção de informações e de relatos. A ênfase da noção de *historía* está no sentido de coleção. Coleção é uma reunião de objetos, uma compilação de uma série, o ajuntamento de um grupo, como podemos ver nas diversas coleções de insetos dos museus de história natural. Os exemplares de insetos são agrupados pela sua forma e relação de suas partes, sem nenhum vínculo de necessidade intrínseca, cada novo exemplar encontrado é adicionado como um enriquecimento à coleção. Também Aristóteles parece concordar que a *historía* é uma coleção de exemplares em que não há um vínculo necessário que abarque a coleção mesma, quando acusa esta investigação de tratar de coisas singulares. Esta é a causa da história ser menos filosófica do que a poesia: ela trata de coisas singulares se atendo tão somente a elas, isto é não estabelece uma relação necessária entre tais coisas singulares; ainda que agrupadas, continuam separadas em princípio.

---

<sup>2</sup> Herodotus. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1926.

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

Em uma coleção o critério que justifica os agrupamentos e as sequências dos feitos ou exemplares poderia ser diferente. Podemos separar pela forma, pela cor, pela maneira de se locomover, pela forma do bico... Alterando os critérios de distinção entre as coisas, nós, também, as agrupamos de outro modo. Muitos exemplares já foram realocados em grupos diferentes por se assumir outro critério como mais fundamental. O caso do ornitorrinco é paradigmático. Se os critérios podem ser diferentes, ainda que respeitem as diferenças entre as coisas, não são necessários. Não sendo necessários, também não serão universais. Como vemos nas palavras de Aristóteles (1451b8): “Universal é como fazer uma personagem de certa qualidade dizer ou agir segundo verossimilhança ou necessidade”

No oitavo capítulo, Aristóteles expõe como exemplo isto que ele vai elaborar teoricamente no capítulo seguinte. Ao analisar a estrutura do mito ele conclui que a unidade estrutural da narrativa não se deve ao *“fato de haver um só personagem, porque um único homem pode passar por muitos acontecimentos sem que deles resulte alguma unidade. Uma pessoa pode praticar diversas ações, as quais não formam uma ação única”*. Em outras palavras, reunir uma coleção de fatos sobre um determinado homem, não faz desse relato uma obra poética, antes uma obra histórica, é por isso que nosso filósofo vai considerar, por um lado, falhos os poetas que supõem estar no indivíduo a unidade estrutural da poética, e por outro, elogia Homero por ele não ter se referido a absolutamente todas as situações que Odisseu enfrentou na volta para casa.

Ao menos por dois motivos uma coleção de feitos e exemplares dificilmente alcança a universalidade. Em primeiro lugar, e o motivo mais evidente, dificilmente será possível uma coleção abarcar absolutamente todos os feitos e todos os exemplares a respeito daquilo que se coleciona, a menos que seja uma coleção bastante restrita. O segundo motivo, o mais forte, a ausência de um critério de necessidade e verossimilhança.

Dessa forma não fica difícil perceber o motivo de Aristóteles ter acusado a história de ser menos filosófica e diligente do que a poesia, e o porquê da última lidar com o universal ainda que narre fatos que nunca aconteceram. Isso ocorre uma vez que a poesia precisa, para ser bem realizada, conceder à fábula uma unidade tal que suas partes estejam estreitamente ligadas. A natureza da poesia exige que a unidade do mito esteja em princípio pronunciada e que seja realizada por todas as suas etapas segundo um impulso interno à própria narrativa – esta é a característica de verossimilhança que faz com que os acontecimentos não sejam narrados na desordem do acaso, ou simplesmente ao bel prazer do autor. Isto transparece na

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

crítica de Aristóteles ao uso do recurso ao *deus ex-machina*.

Contudo, precisamente isto precisa ser esclarecido, que natureza é essa da poesia que requer a verossimilhança? Em que sentido ela é e lida com o universal? E que necessidade é essa que toma conta da poesia?

Quando nós lidamos, hoje, com a poesia em geral, dificilmente a associamos com a noção de natureza. É mais que evidente que a poesia é um artifício criado pelo homem, é algo, em certa medida, não natural. O artifício só seria um ente natural, segundo Aristóteles<sup>3</sup>, se possuísse em si mesmo, e não no homem, princípio de movimento e mudança. Contudo, ser não natural não significa que não tenha relação com a natureza em geral e com a natureza humana em particular.

A poesia é produzida por homens, entes naturais imersos em um mundo natural, por isso não seria adequado deixar passar despercebido o que perdura do produtor no produto ou o que permanece do natural no artificial.

O ente natural é paradigmático na filosofia aristotélica, o ente natural é o modelo a partir do qual Aristóteles estrutura também sua ontologia e epistemologia. No segundo livro da Física, Aristóteles afirma que “*a arte imita a natureza*”<sup>4</sup>, ou seja, o processo impetrado pela arte para constituir suas obras, para fazê-las virem a ser, segue o processo de vir a ser em geral, isto é, o natural. Dizer que a arte imita a natureza, não significa dizer que ela reproduz entes e fenômenos naturais, mas confirma que a arte é um produto humano e que ao realizá-la reproduz de certa maneira o modo de vir a ser das coisas naturais. O poeta, como artífice, precisa ter isso em mente na hora da criar: o desenvolvimento da obra deve ser requerido por seu impulso inicial.

O ente natural é aquele que possui princípio de movimento em si mesmo, isto significa que todas as transformações que poderá sofrer ao longo da vida, durante seu desenvolvimento, são determinadas por esse impulso inicial. Entes naturais, como o homem, não sofrem transformações ao léu: passamos de inculto a cultos, de jovens a adultos, nos tornamos mais morenos com a exposição ao sol, mas nunca poderia ocorrer a um jovem homem tornar-se uma árvore madura, todos nós seguimos a constituição de nosso princípio sempre ou no mais das vezes.

---

<sup>3</sup> Física B, 192b.

<sup>4</sup> Aristóteles, Física, 194a21.

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

O artifício não possui em si mesmo o primeiro impulso de movimento, mas deve ter sua completude estruturada a partir dele. Não possui um princípio como os entes naturais, mas imita-os, age como se possuísse.

Ao analisar o arranjo dos acontecimentos e a organização do mito, no sétimo capítulo da poética, Aristóteles aborda noções comuns relativas à estrutura da obra poética, expondo a necessidade de toda poesia possuir um começo, um meio e um fim. Mas aqui, começo, meio e fim não são apenas pré-requisitos para um texto ser inteligível, é um pré-requisito para um todo “orgânico” se constituir, isto é, onde todas as partes estejam integradas em função do todo, da unidade que estrutura a narração, isto é o próprio mito.

Ademais, o belo, seja num ser vivente, seja em qualquer coisa composta de partes, precisa ter ordenadas estas partes, as quais igualmente devem ter certa magnitude, não uma qualquer.<sup>5</sup>

A poesia dever ser constituída como um todo orgânico cuja alma é o mito. É preciso não descuidar da relação da estrutura narrativa com suas partes, ou seja, o princípio deve ser realizado no desenvolvimento subsequente da obra; para isso, o fim (*télos*) da narração deve ser considerado desde o começo o princípio norteador.

Desse modo, nós podemos perceber que a arte poética imita a natureza, de maneira geral, em dois caminhos diferentes. Primeiro, imita a natureza na medida em que cada obra deve seguir um princípio como se lhe fosse inerente, que irá nortear a sucessão dos acontecimentos da trama, o comportamento e o pensamento das personagens, a ornamentação linguística, a musicalidade e a encenação quando houver. Este é o principal motivo da poesia ser mais filosófica que a história e lidar com as coisas universais. A poesia procura, a partir de um princípio norteador tornado inerente à constituição narrativa da obra, apresentar suas partes de maneira que cada uma delas tenha uma razão de ser relativa ao primeiro princípio estruturador. Em outro lugar<sup>6</sup>, Aristóteles afirma que o “filómito é filósofo”, e o é quando procura instituir primeiros princípios para o que dele se segue e quando lida com as coisas universais, na medida em que fazem todas as partes derivarem de um único princípio.

Por outro lado, a arte poética imita a natureza na medida em que os gêneros poéticos tendem, eles mesmos, para a sua perfeição. “*A tragédia se desenvolveu aos poucos, à medida que vieram a ser os elementos que lhe eram (evidentes) próprios, mas depois de uma série de transformações a tragédia se deteve, quando alcançou sua forma última*”. Não só o

---

<sup>5</sup> Aristóteles, Poética, 1450b 34.

<sup>6</sup> Metafísica, A, 982b.

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

desenvolvimento individual de cada obra deve ser segundo a estrutura natural, caso a queiramos bela, como também o desenvolvimento histórico de cada gênero poético é igualmente orientado pelo princípio que reconhecemos na sua forma última. Dizer que a tragédia se deteve ao encontrar sua forma última, é assumir que os acertos e desacertos que aconteceram historicamente, toda evolução e alteração que ela sofreu foram determinados teleologicamente, isto é, as alterações que este gênero poético sofreu ao longo do tempo realizaram seu potencial mais próprio. E este potencial mais próprio foi realizado não pelo gênio individual de algum poeta, mas todos os gênios o foram à medida que, considerando introduzir novos e melhores elementos ao gênero, se subsumiram a determinação teleológica da tragédia.

O mesmo uso deste critério parece ocorrer na própria *Arte Poética*. Quando no seu último livro o autor procura medir o valor da poesia épica e da trágica, afirma claramente que “a tragédia é superior a epopéia” porque se vale do mesmo objeto (imitação de homens melhores do que seriam em realidade) dos mesmos meios da épica (discurso, ritmo e harmonia), e dos meios e modos que lhe são próprios “alcançando melhor sua finalidade”, isto é a tragédia é a expressão mais completa da poesia. A tragédia é o gênero poético que alcança melhor a finalidade da poética, pois agrada a multidão ensinando-lhe altos valores, diferentemente da comédia, e apresentando desenvolvimento maior dos meios e instrumentos úteis para a realização poética (como por exemplo, a inclusão do coro, o diálogo de agentes, o uso de diversos ritmos) e ministrando o poder de arrebatamento da encenação. Por tudo isso a tragédia é, para Aristóteles, a forma mais bem acabada de poesia.

Para finalizar, não poderíamos deixar de mencionar o vínculo da arte poética com a natureza que reaparece explicitamente no livro quatro da *Poética*. Investigando a naturalidade da poesia no homem, Aristóteles assevera que:

duas causas naturais parecem dar origem à arte poética em geral, por um lado, o imitar é congênito aos homens desde crianças e por causa dele diferimos dos outros animais porque são mais imitáveis as primeiras coisas e os alunos aprendem a partir da imitação delas.

A estrutura natural que encerra a arte poética dá-se, justamente, na medida em que a imitação é para o homem algo que deriva do princípio dele. Se por um lado a arte imita a natureza e assim o homem, pela arte, entra na dinâmica do vir a ser; por outro lado, o imitar é para o homem uma expressão da sua natureza, isto é, o prazer que nós sentimos indica que o homem também se constitui enquanto tal pela arte.

Barbosa, Rafael Mello  
Quando o irreal é mais verdadeiro que os fatos

Vemos, agora, que não há qualquer contradição na distinção aristotélica observada no capítulo IX da Poética entre poesia e história. E mais, ela indica a estrutura subjacente às boas poesias, aos gêneros poéticos e à poesia em geral. É a natureza a estrutura subjacente que confere os liames de verossimilhança e necessidade, mais especificamente, o seu caráter teleológico. Tudo que é dito e feito pelas personagens se dá por uma razão, a saber, “a alma” da poesia ordenará do princípio ao fim todos os sucessos que se realizarão na obra. A obediência ao princípio de movimento teleológico aproxima a poesia da natureza e lhe concede universalidade e maior seriedade.

[Recebido em maio de 2009; aceito em agosto de 2009.]